

# LOTHAR CHAROUX

ERNESTINA KARMAN

O Museu de Arte Moderna de São Paulo, no Ibirapuera, está apresentando uma retrospectiva da obra de Lothar Charoux, artista nascido em Viena que consideramos brasileiro e nosso desde que veio para este país em 1928.

Lothar Charoux dispensa apresentações, referências e indicações de prêmios e exposições.

Tivemos conhecimento de que alguém — certamente algum esnobe ignorante dos valores artísticos de sua própria terra — perguntou a Charoux quando apresentaria seus novos "Vasarely".

Não podíamos omitir esse fato e agora perguntamos: Quando o Governo Brasileiro pensará em divulgar no Exterior a obra dos artistas nacionais do gabarito de Lothar Charoux?

Temos a certeza de que então Vasarely faria o que o esnobe não fez ou seja, ser o primeiro a proclamar a personalíssima arte de nosso grande pintor e desenhista.

A oportunidade que o MAM nos dá de tomar contato com a evolução de Charoux não pode deixar de ser aproveitada por quantos desejam conhecer o que temos de melhor em artes plásticas.

Partindo do quadro "A Cadeira" de 1942, constatamos que Charoux, a princípio um expressionista sensível, soube dar ao banal tema a mesma força de expressão que Van Gogh deu a modelo semelhante.

Acompanhando seu desenvolvimento, passamos pelas

naturezas mortas, paisagens e retratos de 1945 — cujas pinceladas fortes e cores sobrias são o ponto alto —, para chegar aos trabalhos de 1949, nos quais os mesmos temas passam a ser tratados de maneira totalmente diferente.

A pintura movimentou-se; as pinceladas onduladas, como que torturadas, levam-nos novamente a pensar em Van Gogh. Não que Charoux se assemelhe a ele pela maneira de pintar, mas por possuir, como ele, a mesma vibração na pincelada.

Com o passar dos anos, as formas simplificam-se, entram-se em composições afins ao cubismo até atingirem, em 1949, uma abstração com forte influência do precursor Kandinsky, ao qual não permaneceram incólumes muitos outros grandes artistas.

Eis que em 1951, Charoux busca construções abstratas geométricas, simplificadas formal e coloristicamente.

Passa então por uma delicada fase em que, com apenas "risquinhos", procura equilíbrios entre linhas e cores. Descobre que traçando o desenho enfiado e apresentando-o horizontalmente, consegue o que denominou "Equilíbrio Restabelecido".

Em 1961, pesquisou quadrados sobrepostos tal como faria Albers, movimentando-os, no entanto, por um deslocamento bem calculado.

Depois, o artista ligou-se ao Grupo Concretista de São Paulo, com trabalhos geométricos, por algum tempo. Eis que, repentinamente, "estoura" Lothar Charoux, diferente, livre para alçar vôo,

com formas e idéias unicamente suas, tal como a borboleta liberta do castulo.

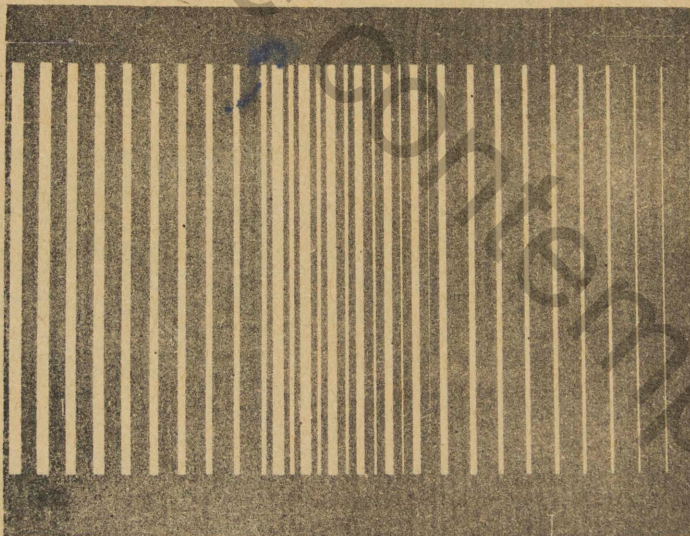
E esse artista não parou mais de criar e recriar linhas e formas. Estas formas resultam do agrupamento das linhas enfileiradas, em círculos, que se interpenetram, em ziguezagues, em quadrados, em retângulos ou em triângulos.

As linhas, ora finas, ora mais largas, negras ou coloridas, tremulam num "op-art" brasileiríssimo, que de internacional só tem a filiação. E foi esse Charoux que mereceu o prêmio de melhor desenhista de 1972, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Não podemos deixar de fazer referência também ao trabalho de divulgação das obras de arte em que está empenhado Lothar Charoux. Ele é o primeiro artista que dá ao "Multiplo" a sua verdadeira finalidade, qual seja, a de poder ser adquirido pelo grande público.

Num gesto magnânimo, próprio dos que são realmente grandes, realizou preciosíssimas serigrafias que estão sendo vendidas no MAM pelo incrível preço de 20 cruzeiros! Tornou assim possível a muitos possuírem um "Charoux".

Que esse gesto seja apreciado em seu alto valor e imitado por outros artistas. É o que realmente desejaríamos, porque um "Multiplo" acessível até hoje não passou de simples ficção.



Uma das obras de Lothar Charoux